

O conhecimento dos acadêmicos de enfermagem a respeito do uso de fitoterápicos.

Melanie Vivian Paixão Maia

Monografia apresentada em
forma de artigo com requisito ao
bacharelado em enfermagem do
UniCEUB sob orientação do
Professor Henry Maia Peixoto.

Brasília

2013

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido a oportunidade de concluir este curso. Aos meus pais, avós e tios que acreditaram em minha capacidade e cuidaram de mim. Ao Rodrigo, meu noivo, que sempre me incentivou e apoiou nos momentos mais difíceis onde à vontade de desistir prevalecia.

Desde já, agradeço ao meu orientador Henry Maia Peixoto, pela paciência e perseverança, pois, em meio a tantas tarefas do seu dia a dia, sempre estava disposto a responder minhas dúvidas e me ensinar.

Agradeço a todos meus amigos que me entenderam nos momentos em que não pude está presente e que me deram força, tratando-me sempre com palavras de estímulo e carinho.

Por fim, a todos que já falei, agradeço por acreditarem no meu potencial, na minha profissão, nas minhas ideias, nos meus devaneios, principalmente nos momentos em que nem eu mais acreditava. Muito Obrigada.

O conhecimento dos acadêmicos de enfermagem a respeito do uso de fitoterápicos.

Resumo

Trata-se de um estudo que objetivou avaliar o conhecimento dos acadêmicos de enfermagem a respeito do uso de fitoterápicos. A amostra correspondeu a noventa e quatro alunos de enfermagem de uma Instituição de Ensino Superior com idade igual ou superior a dezoito anos, do 1º ao 9º semestre de enfermagem. Para a obtenção dos dados optou-se por uma pesquisa descritiva, utilizando um questionário composto por vinte e três questões. Como resultado, observou-se uma defasagem no conhecimento dos alunos no que se refere ao método de ensino às terapias alternativas, e em específico a fitoterapia.

Palavras - chave: Conhecimento, Acadêmicos, Fitoterápicos, Enfermeiros.

The knowledge of nursing students regarding the use of phytotherapics.

Abstract

This is a study that aimed to assess the knowledge of academics nurses regarding the use of herbal medicines. The sample represented ninety-four nursing students of a Higher Education Institution aged over eighteen years, from 1st to 9th semester of nursing. To obtain the data we chose a descriptive research using a questionnaire consisting of twenty-three questions. As a result, there was a gap in the knowledge of undergraduate students in relation to the teaching method to alternative therapies, and specific herbal medicine.

Keywords: Knowledge, Academic, Herbal Medicines, Nurses.

1. Introdução

As plantas medicinais são aquelas capazes de aliviar ou curar enfermidades e têm tradição de uso como remédio em uma população ou comunidade. Planta medicinal é aquela que contém um ou mais de um princípio ativo, conferindo-lhe atividade terapêutica, quando industrializada para se obter um medicamento, tem-se como resultado o fitoterápico, que por sua vez é baseado no princípio do medicamento alopático. O tratamento é caracterizado por suas diferentes formas farmacêuticas, onde, como princípio-ativo exclusivamente são derivados de drogas vegetais (ANVISA, 2012).

Alguns artigos citam a importância do profissional médico, para a adesão da fitoterapia na população. “As ações e os conceitos praticados por esse profissional são regularmente interpretados pelo povo como legítimos e adquirem caráter de verdade. Mas os estudos levam ao resultado de que os médicos não possuem conhecimento institucionalizado sobre o assunto e que a falta de conhecimento existe decorrente da crença em haver uma comprovação científica”. (ROSA, 2011).

De todas as terapias existentes é a que mais possibilita a participação ativa da comunidade além de embasar-se no conhecimento tradicional e popular transmitido por gerações. Segundo Bastos (2010), o uso da fitoterapia vem sendo incentivado pelo Ministério da Saúde por meio de projetos criados a fim de expandir o seu uso e mostrar a sua importância dentro do Programa Saúde da Família.

Em 2006, foi aprovada a Portaria do Ministério da Saúde (MS) nº 971(4/5/2006), que instituiu a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde, e assim, trouxe subsídios para a normatização das ações governamentais na área de saúde, ampliando as opções terapêuticas aos usuários do SUS com garantia de acesso às plantas medicinais e os fitoterápicos (BRASIL, 2006).

“O MINISTÉRIO DO ESTADO DA SAÚDE INTERINO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 87, parágrafo único, inciso II, da Constituição Federal, e Considerando o dispositivo do inciso II do art. 198 da Constituição Federal, que dispõe sobre a integridade da atenção como diretriz do SUS; Considerando o parágrafo único do art. 3º da Lei nº 8.080/90 que diz respeito às ações destinadas a garantir às pessoas e à coletividade condições de bem-estar físico, mental e social, como fatores determinantes e condicionantes da saúde [...] Considerando que a melhoria dos serviços, o aumento da resolutividade e o incremento de diferentes abordagens configuram, assim, prioridade do Ministério da Saúde, tornando disponíveis opções preventivas e terapêuticas aos usuários do SUS e, por conseguinte, aumentando o acesso, resolve”

“Art. 1º Aprovar, na forma de Anexo a esta Portaria, a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde. Parágrafo único: Esta Política, de caráter nacional, recomenda a adoção pelas Secretarias de Saúde dos estados, do Distrito Federal e dos Municípios, a implantação e implementação das ações e serviços relativos às Práticas Integrativas e Complementares” (BRASIL, 2006).

As pesquisas realizadas nessa área comprovam a eficiência em relação ao custo benefício e a acessibilidade dos procedimentos para com a população. Todavia, certos valores e condutas às vezes, não são bem vistos por gestores locais de saúde nos programas de atenção primária, tendo em vista que “o interesse por parte de gestores municipais na implantação de programas de uso de fitoterápicos na atenção primária à saúde, muitas vezes aparece associado apenas à concepção de que esta é uma opção para suprir a falta de medicamentos na impossibilidade de disponibilização destes, já que na maioria das vezes se contabilizam os ganhos em custos gerados pela utilização dos fitoterápicos” (LEILE, 2000).

O COFEN, na portaria 197 de 1997, reconhece o valor da terapêutica e incentiva todas as unidades a adotarem as terapias não convencionais, estabelece e reconhece as terapias alternativas, nelas incluindo a fitoterapia, visando à prevenção, o tratamento ou cura considerando que podem ser utilizadas de forma isoladas ou em conjunto.

A terapia possui como umas das qualificações o profissional de enfermagem, pois, são importantes disseminadores da informação a respeito da terapia e exercem um papel fundamental estando em contato direto e profundo com a população, tendo a oportunidade de educá-la e esclarecê-la quanto ao uso dessas técnicas, seja em hospitais, em centros de saúde ou junto à comunidade (BRASIL, 2006).

Mesmo com a tecnologia avançada e com a medicina a cada dia mais moderna, é necessário que os profissionais de saúde tenham capacitação quanto à utilização dos fitoterápicos a fim de que haja uma maior interação entre os profissionais e a comunidade, e assim, maior eficiência e eficácia ao tratamento. Nesse quesito a enfermagem deve estar bastante alinhada e ser capaz de identificar as necessidades visualizando a promoção, prevenção e recuperação da saúde de cada indivíduo (BASTOS; LOPES, 2010).

É comum o uso de plantas medicinais na preparação de remédios caseiros para tratar várias enfermidades. As mais utilizadas são: “hortelã-da-folha-miúda , romã, melão-de-são Caetano, capim-santo, alecrim-pimenta - Sene – laxante, Equinácea – Imunoestimulante, Cáscara Sagrada - Discenesia hepatobiliar, Espinheira-santa- Dispepsias, Guaraná- Astenia, estimulante do SNC, Ginkgo - Vertigens e zumbidos resultantes de distúrbios circulatórios; distúrbios circulatórios

periféricos, insuficiência vascular cerebral, Calêndula - Cicatrizante, anti-inflamatório, antisséptico, Cimicífuga - Climatério” (AMORIM, 1999).

Observa-se que o interesse pela fitoterapia vem crescendo nos últimos anos, constituindo objeto de investigação científica para diversos pesquisadores. Podemos vê-las também sendo inseridas como conteúdo curricular nos cursos de graduação em enfermagem, quer seja de forma optativa ou obrigatória. O que é de grande importância, pois aumenta o conhecimento do acadêmico e garante maior qualidade em sua profissão quando formado; tornando-se função do enfermeiro ensinar e educar a população a respeito da fitoterapia (TROVO, 2012).

O presente estudo objetivou avaliar o conhecimento dos acadêmicos de enfermagem relacionado à fitoterapia, já que são importantes disseminadores da informação a respeito da terapia, e os responsáveis pelo cuidado com a comunidade em geral.

2. Material e Método

Trata-se de um estudo descritivo, que avalia o conhecimento dos alunos de Enfermagem de uma Instituição de Ensino Superior (IES) privada do Distrito Federal. Os participantes dessa pesquisa foram alunos de Enfermagem do 1º ao 9º semestre, com idade igual ou superior a dezoito anos.

Dos cento e oitenta alunos que integram o quadro estudantil da referida instituição, noventa e quatro aceitaram participar da pesquisa. O questionário (anexo 1) foi composto por vinte e três questões, relacionando dois domínios, o sócio demográfico e o de conhecimento quanto à questão abordada. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a presente pesquisa conta com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos do Centro Universitário de Brasília (Protocolo nº 223.563/2013).

Para análise estatística dos dados, foi utilizado o programa *Epi Info* versão 3.5.1 com objetivo de obter as frequências dos dados alimentados por meio dos questionários. Foram confeccionados três tabelas, organizadas e processadas eletronicamente pelo programa Microsoft Office Excel 2007.

3. Resultados

Os dados sócio demográficos (tabela 1) demonstram uma predominância de mulheres (92,6%), indivíduos com idade entre 18-25 anos (78,7%), a maioria de solteiros (78,7%), residindo com familiares (94,7%) e com renda familiar acima de 4 salários mínimos (58,5%). A tabela

descrita ainda mostra que a maioria dos entrevistados não trabalham (64,9%) e entre os que trabalham (24,5%) trabalham de 10 a 20 horas semanais.

Tabela 1 – Características sociodemograficas do grupo de alunos de enfermagem estudados.

Variável	N	%
Idade		
18-25 anos	74	78,7
26-35 anos	16	17
36-40 anos	3	3,2
> 40 anos	1	1,1
Sexo		
F	87	92,6
M	7	7,4
Renda		
2 salários mínimos	6	6,4
Acima de 4 salários mínimos	55	58,5
Entre 3 e 4 salários mínimos	32	34
Não opinou	1	1,1
Estado Civil		
Casado	18	19,1
Divorciado	2	2,1
Solteiro	74	78,7
Carga horária		
Não trabalha	60	63,8
> 40 horas	4	4,3
10-20 horas	23	24,5
20-30 horas	4	4,3
30-40 horas	3	3,2
Reside com:		
Familiares	89	94,7
Sozinho	5	5,3

Os principais fatores relacionados ao conhecimento dos estudantes quanto ao tema (Tabela 2) mostram que maioria (50%) encontram-se nos últimos 3 semestres do curso, 45,7 % cursam a disciplina estágio supervisionado, sendo que destes, 19,1 % fazem o 2º estágio do curso.

Dos entrevistados, apenas 41,5% sinalizam que conhecem o conceito de fitoterapia. Quanto ao enfoque do tema em sala de aula, a grande maioria relata que o assunto nunca foi abordado (63,8%). 88,3% dos participantes nunca participaram de um curso que tratasse do tema referido. A tabela 2 mostra que há um grande interesse vindo dos estudantes em conhecer mais a respeito do assunto, pois, 85,1 % dos participantes da pesquisa são a favor da inclusão da matéria: Terapias Alternativas, na grade horária do curso de Enfermagem.

Tabela 2- Principais fatores relacionados ao conhecimento dos estudantes de enfermagem estudados quanto ao tema abordado.

Variável	N	%
Semestre		
1°-3°	22	23,4
4°-6°	25	26,6
7°-9°	47	50,0
Cursa Estágio Supervisionado?		
Não	51	54,3
Sim	43	45,7
Qual estágio?		
Não faz	51	54,3
I	1	1,1
II	18	19,1
III	9	9,6
IV	15	16,0
Conhece o conceito de fitoterapia?		
Não	55	58,5
Sim	39	41,5
O assunto fitoterapia já foi abordado em sala?		
Não	60	63,8
Não opinou	2	2,1
Não sabe	17	18,1
Sim	15	16,0
Já fez algum curso de terapia alternativa ou fitoterapia?		
Não	83	88,3
Não opinou	3	3,2

Sim	8	8,5
É a favor da inclusão da matéria "terapias alternativas" na grade curricular das Instituições de Ensino Superior?		
Não	5	5,3
Não sabe	9	9,6
Sim	80	85,1

No que se refere a vivência e a opinião dos entrevistados (Tabela 3), 64,9% dos entrevistados já indicou o uso da fitoterapia para alguém, 39,4 % já vivenciaram bons resultados com a terapia sendo que destes, 37,2% fazem ou já fizeram uso da fitoterapia para alguma finalidade. No quesito opinião, 79,8% referem não possuir conhecimento para prescrever o uso de um fitoterápico, 76,6% acham que a fitoterapia deve ser utilizada no tratamento de doenças e a grande maioria acha que o enfermeiro deve possuir o conhecimento sobre o uso, prescrição e contra-indicação da fitoterapia (86,2%).

Tabela 3- Opinião e vivência dos alunos de enfermagem quanto ao assunto abordado.

Variável	N	%
Já indicou algum fitoterápico para alguém?		
Não	61	64,9
Não opinou	3	3,2
Sim	30	31,9
Já vivenciou bons resultados com o uso de fitoterápicos?		
Não	52	55,3
Não opinou	5	5,3
Sim	37	39,4
Utiliza ou já utilizou algum fitoterápico?		
Não	54	57,4
Não opinou	5	5,3
Sim	35	37,2
Possui conhecimento para prescrever um fitoterápico?		
Não	75	79,8
Não opinou	3	3,2
Sim	16	17
Os profissionais devem usar a fitoterapia no uso de tratamento de doenças?		
Não	17	18,1
Não opinou	5	5,3

Sim	72	76,6
Os enfermeiros devem ter conhecimento sobre uso, prescrição e contra-indicação de fitoterapia?		
Não opinou	1	1,1
Não	1	1,1
Não sabe	11	11,7
Sim	81	86,2

4. Discussão

Por causa da desigualdade social, a sociedade vem buscando cada vez mais, soluções e alternativas para a promoção na saúde e qualidade de vida entre as famílias. As plantas medicinais vêm assumindo um importante papel perante este quesito, não somente pelo seu poder curativo, mas, por serem economicamente mais acessíveis (DUTRA, 2009).

Cerca de 80% da população mundial não possui condições econômicas para arcar com o custo elevado dos medicamentos alopáticos e por isso utilizam das plantas medicinais e os fitoterápicos como aliado nos tratamentos da saúde.

A fitoterapia possui raízes profundas na consciência popular que reconhece, desde a Antiguidade, sua eficácia e legitimidade. Em 1972, a Organização Mundial de Saúde reconhece esta realidade e lança um estímulo que chamamos de medicina tradicional, em que a fitoterapia atua como umas dos principais componentes. A partir do acontecimento várias leis e diretrizes vêm apresentando grandes resultados (DUTRA, 2009).

Essa prática apresenta grande potencial de desenvolvimento, considerando que está intimamente ligado à cultura popular. “O interesse a respeito do conhecimento que as populações detêm sobre plantas e seus usos têm crescido, após a constatação de que a base empírica desenvolvida por elas ao longo de séculos pode, em muitos casos, ter uma comprovação científica, que habilitaria a extensão destes usos à sociedade industrializada” (AMOROZO, 2002).

Segundo Franceschini Filho (2004), “as plantas terapêuticas, desde o início da história da humanidade e até o final do século passado, desempenharam um papel chave na cura das doenças. O homem pré-histórico já utilizava e sabia distinguir as plantas comestíveis daquelas que podiam ajudar a curá-lo de alguma moléstia”. A natureza foi, portanto, o primeiro remédio e a primeira farmácia a que o homem recorreu. Imagina-se que foi por meio da observação dos animais que o homem iniciou a utilização das plantas terapêuticas (LIMA, 2006).

No entanto, mesmo com o incentivo de uma Política Nacional, parece ainda haver certa carência de informações e de ações no sentido de efetivar e implementar essa prática terapêutica no Sistema de Saúde brasileiro (DUTRA,2009).

A utilização de chás, de forma indiscriminada, para enfermidades hepáticas, renais ou outras doenças, poderá lhes trazer sérias conseqüências para a saúde se não houver acompanhamento correto de um profissional instruído (RANG; DALE, 2001).

Portanto, faz-se necessário obter-se conhecimento a fim de esclarecer a população sobre alguns pontos essenciais para o uso racional de plantas medicinais tais como: manipulação, coleta e uso terapêutico, com o propósito de correlacionar os saberes popular x científico para que o haja a indicação à terapêutica (MEDEIROS, 2000).

Após análise dos dados deste estudo, observou-se que é necessário o esclarecimento aos acadêmicos da saúde sobre a importância das terapias complementares, por haver uma falha na Instituição, em não oferecer a disciplina aos alunos, sendo que esta estratégia de ensino possibilitaria a adequação e desenvolvimento de habilidades por parte dos estudantes de enfermagem, capacitando-os para um novo perfil de profissional capaz de entender e resolver as necessidades da população no que diz respeito à fitoterapia haja vista a necessidade de profissionais com visão sistêmica e integral do indivíduo, família e comunidade (BRASIL, 2000).

No que se refere aos principais fatores relacionados ao conhecimento dos estudantes de enfermagem, 58,5% não conhecem o conceito de fitoterapia, 88,3% nunca tiveram cursos ou palestras a respeito do assunto e 63,8% dos alunos abordados afirmam que não tiveram estrutura curricular da faculdade com alguma disciplina relacionada às terapias alternativas, em contradição com Dobrachinski (2008) que afirma, em sua pesquisa, que o conhecimento aprendido sobre as terapias alternativas ocorreu no ambiente acadêmico.

Atualmente, o tema é humanização, ou seja, estar em contato direto com o paciente de forma humana. 85,1% dos alunos entrevistados acham que a disciplina deveria ser inclusa na grade curricular, o que ajudaria no conhecimento e aprendizagem dos acadêmicos. 76,6% acham que o profissional de enfermagem deve usar a fitoterapia como tratamento de doenças, segundo Paranaguá, (2009) é um método eficaz, sem qualquer efeito colateral e de baixo custo.

Dos alunos analisados 37,2 % já fizeram uso de algum tipo de fitoterápico, o que equivale com o estudo de Trovo (2012), em seu estudo, os alunos recomendam mais a utilização de terapias alternativas/complementares do que fazem uso das mesmas.

Dos entrevistados, 86,2% acham que o enfermeiro deve ter conhecimento sobre uso, prescrição e contra-indicação quanto ao uso dos fitoterápicos, o que de fato é regulamentada em lei

como uma prática da profissão de enfermagem, sua aplicação pode proporcionar melhoras na qualidade de vida da clientela, influenciando, então, na diminuição da superlotação nos níveis terciários de saúde (BARBOSA et al., 2001).

Estudos realizados no Canadá, conforme Trovo (2012), demonstraram que alunos do último ano de graduação do curso de Enfermagem são os que mais fazem uso das terapias alternativas. No presente estudo cerca 50% dos alunos estão nos últimos semestres do curso, destes, cerca de 45,7% dos alunos estão fazendo a matéria Estágio Supervisionado, (lecionada nos últimos semestres da graduação) que, permite maior contato dos graduandos com a população, tendo a oportunidade de implantar algumas técnicas aprendidas durante o estágio.

Na atualidade, dentro do contexto dos PSF's, a enfermagem vem exercendo um papel importante, encontrando-se em contato direto e íntimo com a população. Possui, assim, a oportunidade de educar e esclarecer quanto aos pontos positivos e negativos dessas práticas; além de possuir regulamentação em lei que aprova a realização deste procedimento (TROVO, 2003).

Para Paranaguá (2009), a inserção dessas terapias alternativas na atenção básica exigiria capacitação dos profissionais a respeito destas, além de fazê-los compreender, respeitar e apoiar a singularidade de cada ser, propiciando uma relação mais humana, voltada para a visão holística do ser. Seu custo financeiro é bastante baixo e estão regulamentadas nas ações de promoção da saúde, demonstrando e reforçando assim a importância e relevância desta pesquisa. Além de incentivar o subsídio de ações educativas aos profissionais que querem atuar nesse novo modelo assistencial, que está cada vez mais se inserindo no âmbito da saúde.

5. Considerações Finais

Observou-se que há uma defasagem no conhecimento dos alunos de graduação em Enfermagem da instituição, no que se refere ao método de ensino às terapias alternativas, e em específico a fitoterapia. Os dados encontrados sugerem que o conhecimento sobre o tema decorre somente do senso comum, nada relacionado ao ensino acadêmico.

É preciso incentivar a importância das terapias complementares durante a formação desses profissionais, para que dessa forma os mesmos possam orientar a população a participar nos cuidados a saúde utilizando caminhos vivenciados pela própria comunidade, melhorando a qualidade de vida, e obtendo uma recuperação rápida e eficaz do processo da doença.

Para tanto, é necessário resgatar e aperfeiçoar o saber que envolve e garante o uso das plantas e terapias, através da implementação dos fitoterápicos e assim, aumentar o conhecimento

dos acadêmicos para que possam, no futuro, como profissionais da saúde, disseminar o conhecimento a respeito da terapia.

6. Referências Bibliográficas

AMOROZO, M.C.M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DISTASI, L.C. (Org.). **Plantas medicinais: arte e ciência**. Um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: UNESP, 2002. p. 47-68.

ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária). **Resolução –RDC nº48, de 16 de março de 2004**. Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/rdc_48_16_03_04_registro_fitoterapicos%20.pdf. Acesso em: 17 de Outubro de 2012.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Fitoterapia**, 2010. Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/saude/profissional/area.cfm?id_area=1336. Acesso em: 17 de outubro de 2012.

BARBOSA, M A.; FONSECA, A. P. M.; BACHION, M M.;SOUZA, J T.; FARIA, R M.; OLIVEIRA, L M A C.; ANDRAUS, L M S. Terapias alternativas de saúde x alopatia: tendências entre acadêmicos de medicina. **Revista Eletrônica de Enfermagem** (online), Goiânia, v.3, n.2, jul-dez. 2001.

COFEN, RESOLUÇÃO 197/1997.**Estabelece e reconhece as Terapias Alternativas como especialidade e /ou qualificação do Profissional de Enfermagem**. CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (BR). Parecer normativo do COFEN nº 004/95. Documentos básicos de enfermagem. São Paulo (SP), 1997.

DOBRACHINSKI, L.; MAINERI, M.. **A representação social das terapias alternativas na visão dos graduandos de enfermagem da Faculdade São Francisco de Barreiras – FASB**. Biblioteca Médica Virtual em Português [online]. 2008. Disponível em: <<http://www.bibliomed.com.br/thesis/>>. Acesso em: 02 de Maio de 2013.

DUTRA, M.G. Plantas medicinais, fitoterápicos e saúde pública: um diagnóstico situacional em Anápolis, Goiás [Mestrado]. Centro Universitário de Goiás. p.19-48,2009

FRANCESCHINI FILHO, S. **Plantas terapêuticas**. São Paulo: Editora Organizações Andrei. v.16, p. 334, maio, 2004.

LEITE, S.N. **Além da medicação: a contribuição da fitoterapia para a saúde pública** [Mestrado]. São Paulo (SP): Departamento de Saúde Materno-Infantil da Faculdade de Saúde Pública/USP; 15(1), p. 115-121.2000.

LIMA, L. Fitoterápicos e usos de plantas medicinais. **Jornal da Unesp**, ano XVI, n. 166. Disponível em: <<http://www.unesp.br/aci/jornal/166/farmacologia.htm>>. 2006.Acessado em: 15 de maio de 2013.

MEDEIROS, L.C.M; CABRAL, I.E. **As plantas medicinais no cuidar da infância: um guia teórico-prático**. Teresina: EDUP, 2000.

Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Brasília: Ministério da Saúde, 60 p, 2006.

NUÑEZ, H. M^a. F.; CIOSEK, S. I. Terapias alternativas/complementares: o saber e o fazer das enfermeiras do distrito de administrativo 71 – Santo Amaro – SP*. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 11-18, maio, 2003.

PARANAGUÁ, T. T. B.; BEZERRA, A. L. Q. ; SOUZA, M. A. ; SIQUEIRA, K. M. As práticas integrativas na Estratégia Saúde da Família: visão dos agentes comunitários de saúde. **Revista de Enfermagem da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p.75-80, 2009.

PONTES, M.R et al. O uso da fitoterapia no cuidado de crianças atendidas em um centro de saúde do Distrito Federal. **Universidade de Brasília – UnB/CNPq, e da Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos (Finatec)**. 2006.

RANG, H.P.; DALE, M.M. **Farmacologia**, Rio de Janeiro. Guanabara Koogan. 2001.

TOMAZZONI, M.I.; NEGRELLE, R. R. B.; CENTA, M. L. Fitoterapia popular: a busca instrumental enquanto prática terapeuta. **Texto contexto-enfermagem**, Florianópolis, v.15, n.1, p. 115 – 121, mar.2006.

TROVO, M. M; SILVA, M.J.P. Terapias Alternativas/Complementares – a visão do graduando de enfermagem. **Revista Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 80-87, março , 2002.

TROVO, M.M, Silva M.J.P., Leão M.J.P. Terapias alternativas/complementares no ensino público e privado: análise do conhecimento dos acadêmicos de enfermagem. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, São Paulo, v.11, n.4, p. 483-89; jul./ago. 2003.

Anexo 1
Questionário

1. Curso: _____

2. Idade: ____

3. Sexo: F () M ()

4. Semestre: ____

5. Renda Familiar:

() 2 salários mínimos () entre 3 e 4 salários mínimos () acima de 4 salários mínimos

6. Estado Civil:

() Solteiro () Casado () Divorciado () Viúvo

7. Você trabalha?

() Sim Não () Se sim qual a carga horárias: _____ horas/semanais

8. Você reside?

() sozinho () com amigos () com familiares

9. Sua residência é:

() própria () alugada () cedida por amigos () cedida por instituição.

10. Está cursando?

() Estágio I () Estágio II ; () Estágio III ; () Estágio IV

11. Conhece o conceito de fitoterapia?

Sim () Não ()

12. Caso conheça, conceitue fitoterapia em uma frase.

13. Acredita na eficácia dos fitoterápicos?

Sim () Não ()

14. Indicaria ou já indicou um fitoterápico à alguém?

Sim () Não ()

15. Você já vivenciou bons resultados com o uso de fitoterápicos?

Sim () Não ()

16. Você utiliza ou já utilizou para uso próprio algum fitoterápico?

Sim () Não ()

17. Já fez algum curso relacionado a terapias alternativas ou fitoterapia?

Sim () Não ()

18. Se sim, onde realizou?

UniCEUB () Outra Instituição de Ensino () outros ()

19. O assunto Fitoterapia ou plantas medicinais já foi abordado ou discutido em sala de aula?

Sim () Não () Não sabe ()

20. Acha que possui conhecimento para prescrição de fitoterápicos?

Sim () Não ()

21. Em sua opinião, os profissionais de saúde devem fazer uso de fitoterápicos no tratamento de doenças? Sim () Não ()

22. Em sua opinião, os enfermeiros devem ter conhecimento sobre uso, prescrição e contra-indicações de fitoterápicos?

Sim () Não () Não sabe ()

23. Você é a favor da inclusão da matéria “Terapias Alternativas” na grade curricular das Instituições de Ensino Superior de Enfermagem?

Sim () Não () Não sabe ()